

Verdades

A opinião tem seu valor e mesmo seu poder... não tem seu valor e mesmo seu poder...

Toma cuidado contigo, tu és muito inclinado a esta opinião falsa e ella a te occasionar muitos desgostos...

A opinião quei curvar as fronteiras sob sua lei... Em vez de injuriar a, é melhor vencer a.

Eu comprehendo a celeridade do desprezo e a necessidade de esmagar que da invencivelmente tudo quanto...

Mas eu não posso conservar-me por muito tempo neste sentimento que é o da vingança... Este mundo e composto de homens e os homens são irmãos...

Ha ainda pesquisa de si mesmo neste desinteresse apurado, que não se justifica, por se sentir superior a opinião... A habilidade e parecer o que se é, a humildade e sentir que se é pouca coisa...

Vamos, obrigado, Jornal, meu transladamento ao passado... Acabo de ler este caderno e passou-se a manhã... Achei aliás monotonia nestas paginas...

brança. São balizas no meu passado e em vez de algemas das balizas, ha cruzes fincadas, pyramides de pedra...

E' este o meu carnet de viagem; se algumas passagens podem ser uteis aos outros e se algumas vezes em as transmitti, mesmo ao publico, estas mil paginas...

AMIEL.

VINHO DE CHASSAING... Recetado ha 30 annos... CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS URINARIAS... Paris, Avenue Victoria n.º 6.

NINON DE LECLOS... escarnezada da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme... Le Savon Creme de Ninon... especial para o rosto que limpa perfeitamente e adere mais delicada sem alterar a.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET... 35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS... MÃO DE PAPA... UM NARIZ PICADO... Poucos cabelos...



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes...

PRISÃO DE VENTRE... Pó Laxativo de Vichy... do Dr. SOULIGOUX... Laxante casto...

LAIT DE NINON... que da alvura desmanchando ao póscuo e aos humbrics... LA PATÉ ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON... para honra, alvura brilhante das mãos, etc.

POUCOS CABELLOS... Fazem-se crescer e cerrados emmagando-se o Extrait Capillaire des Benedictins... NÃO ARRANQUEM MAIS... os dentes estagados, sobre os o traqueiros...

Perfumaria extrafina L.T. PIVER PARIS... Corylopsis do Japão... O Trêfle incarnat... Violettes de Parme... Leite de Iris L.T. Piver... Dentifricios Mao-Tcha

NOVIDADES MUSICAES... E. Bevilacqua & C. O Buraco, de Manoel dos Passos... Manoel Antonio Guimarães... Vieira Machado & C. Gavroche, revista de 1888...

HOUBIGANT PERFUMISTA... da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA... PARIS... AGUA HOUBIGANT... EXTRACTOS PARA LENÇOS... SABONETES...

O réo...

A sala do tribunal estava cheia de assistentes. Na grande mesa central, coberta com um panno verde-esmeralda, ao redor do juiz, sobressaíam os bustos venerandos dos pares.

A' cabeceira ficava a imagem adoravel de Christo que, com os braços abertos, a cabeça pendida, parecia implorar perdão para as ovelhas transviadas.

Logo um murmúrio percorreu pelo recinto.

Era o réo que fazia a sua entrada seguido por dous agentes.

O juiz ergueu-se e fez tocar a campa em signal de silencio.

O réo era moço e por isso colheu sem demora as sympathias do auditorio.

Celebre era a causa que se ia julgar alli.

Geral era a acuidade,

— « Este momento me parece não ser propicio ao gracejo. Fallo perante os fiéis representantes da lei e essa convicção é sufficiente para que eu reconheça a solemnidade da minha envergadura neste tribunal austero e angusto.

— « Confessa então que assassinou com uma punhalada no coração a pobre vendedora de cravos? Conhece esta arma? » O juiz apresentou-lhe um punhal de pequenas dimensões.

— « Esse punhal era um presente que me fizera a mulher de que trataes.

Quando a vi pela primeira vez, ella lia a « buena-dicha », era zingara. Apaixonei-me, amei e juramos fidelidade sobre a lamina fina desse instrumento.

— « Mas isso que dizeis nada significa no caso verídico? »

— « Pois bem, senhor juiz e respeitaveis pares eu

dentro de mim alguma coisa havia revoltada. Era o coração, o coração que resava uma nena de saudade tristeza.

Sauldades da patria...

N'uma tarde de Abril, sentado sobre a raiz de um tronco de plantas verdes, na campinha, no meio de outras mulheres esguias e mumiasticas, eu vi a zingara... a quem que seus negros olhos orientaes me despediu infinitamente a alma. D'alli em diante trocavamos nos os caminhos. Um dia ella sentiu-se morrer e disse-me:

— « Rasga-me o peito e tira-me o coração que é...

Não quero que elle vá conmigo. Trazel-o-lhas logo aconchegado ao teu para que elles falem do meu amor. »

Assim succedeu.

O mancebo das Antilhas desabotoou a camisa azul e mostron aos assistentes um escapulário de velludo,



O JARDIM DAS ROZAS

De todos os eliares — curiosidade immita:

— « Que idade tem? »

— « Vinte e seis annos. »

— « Onde é natural? »

— « Sou das Antilhas. »

— « Qual a profissão? »

— « Gravalor. »

— « Queira explicar qual o movel que vos levou a praticar o crime de que tratam os autos vigentes? »

— « Não sei de que crime fallaes.

Até hoje ainda não hei praticado accção alguma que me robotise. »

— « Não fostes vos o autor do assassinato dessa vendedora de cravos, tão conhecida por todos? »

— « Sim. Não fui eu quem a mateu, foi o meu amor. »

— « Gracejaes », disse o juiz encolerizado.

contarei tudo sem discrepância da menor coincidência. Chegando da patria, uma nostalgia funda e cava me lançou como n'uma necropole de desolação e dôr. Achei-me só, triste, como aquelle que entra para a cella de um claustro.

O mundo me parecia um sphinge gigantesca... as gentes — mummias pergaminosas que foram dissecadas no laboratorio do egoismo; tudo me parecia colossal: os palacios de marmore com as suas infundaveis escadarias de porphyro, os mausoleos arroxeados pelas intemperies, as cathedraes com cryptas elevadas aos paramos azulados, avenidas com ileas ensombradas de palmeiras de tamanho desomunual; um mundo que se podia ser povoado por titans.

Julguei-me pequeno: as cartagens de prata salpicavam-me lama, os palafreiros batiam-me com as guias do chicote. Cegou-me tanta luz. Nas minhas correrias de noctívago, de alma sem freio, senti que

« Olhem, aqui está o coração da zingara de olhos negros orientaes.

Elle vive do meu; fallam-se, aquecem-se, vivem.

E' que no meu reside a chamma cerulea dos olhos d'ella; no da zingara esta em ebullição o habito morto dos beijos que trocavamos nos caminhos. »

Os venerandos pares egueram as cabeças de novo e gritaram:

« Graça, graça! » E como n'um côro de psalmos claustraes, a multidão repetiu: « Graça, graça! »

ANTONIO RAMOS.

Charadas

2-2 Em uma lingua como e em outra queimo, quem seia?

1-1 Este producto animal sendo foto é homem.



1899
F. de S. M. de S.

UMA CAÇADA

Mosaico

Luz de mel moderna. Scenario, o trem de Novo Hamburgo. O casual volta do ninho em que arrulhou, nas Canoas: Esta bem nesse banco, Frit? Muito bem. Não te incomoda o vento, meu amor? Não. É a cinza do carvão da machina? Também não. Não sentes os selvagens? Nem um bocadinho. Então, deixa-me ir para esse logar e vem aqui para o meu.

Como vai tua mulher? Não sei. Que historia é esta? Ha dez annos que não lhe vejo a cara. Não comprehendendo... Que diaho! ha dez annos que ella se jinta.

Na mesa do almoço: Uma pequenina para a avó: Vivo, esses olhos são de augmento? São, sim, menina, diz a avó sorrindo. Si a avosinha os tirasse quando corta o queijo ao lunch?

Entre mãe e filha. Mas porque pensas que o Dr. Xenocrates tenciona pedir-te em casamento? Oh, mamãe! Pois não ve que elle tem um ar tão aoleimado?

Conversa entre jogadores do bicho: Por que razão o macaco não dá sorte? Porque anda com a maivã.

Rochefort

Pela extraordinaria gravidade que revestiu a questão Dreyfus, e por ser Rochefort um dos que mais activia e energica parte tomaram n'essa tremenda luta, parece-nos oportuno reproduzir o que Henry Fouquier diz no Temps sobre o celebre pamphletario, que com a sua viagem a Argel, para exaltar os animos, conseguiu produzir graves disturbios que levaram a autoridade a adoptar severissimas medidas.

Diz Fouquier: «Vão hem os argelinos e já temos Argel quasi em estado de sitio! Fizeram armatijas sobre os aereos da praça do governo; mas eu tenho o triste orgulho de confessar que os meus compatriotas, os marselhezes, levam a palma no que diz respeito a desordens nas ruas. Não é em Argel, onde, como dizem os arabes, fallou a polvorã, mas na Caneviere. Occorre nos isto a proposito dos passeios e das excursões invernaes do Sr. Rochefort, do «marquez», como dizem em Marselha.

O caso do «marquez» e sobretudo curioso e singular. Não tenho noticia de homem cuja existencia tenha sido mais accidentada e com mais alternativas. Tem pensado por tudo. Tem respondido em todos os tribunales possiveis. Tem estado preso, desterrado e deportado. Dirigiu formidaveis motins em Paris e foi membro do governo. Bateu-se innumeras vezes. Foi aclamado e escarnecido. Passou pelo arco do triumpho e pela picota. Não ha ninguém mais zombador, nem a quem mais zombarias tenham sido feitas. Toda via lije, velho e envelhecido basta que se mova para que o tumulto nasce sob os seus passos. Os nossos soldados quizeram fuzilal-o e cobriu os nossos generaes com toda a casta de opprobrios. Os que o aclamam gritam, no entanto, junto da sua carnagem: viva o exercito! Todas as antitheses, como dizia o seu velho amigo Victor Hugo. De resto, o homem mais tranquilamente burguez que conheço.

Porque o Sr. Rochefort e o joguete do seu proprio destino. Este agitador aneia pelo repouso. Quando era pequeno empregado do Hotel de Ville e tratado com indulgencia pelos seus benevolos chefes, formouse o ideal da sua vida: ter entrada franca nos theatros, fazer representar «vaudevilles», comer com d'Ennory e tutear Mr. Blum. Realisou este sonho nada via mais alto. Mas a par desta vida normal que queria crear-se, viu a ter outra existencia que elle não desejava. Foi a victimia de um engenho. Como nessas magias a cuja representação nunca falta, divertindo se muito, uma fada concedeu-lhe o dom in comparavel do engenho; mas outra fada, offendida, ameaçou-o com a sua varinha, dizendo-lhe: «Terás talento como ninguém, mas como ninguém seras desprovido de senso. O teu talento não sera util a ninguém nem te fará feliz.»

E assim tem vivido este homem, rei e escravo da agudeza. Lançou se em todas as nossas batalhas, gloriant e indifferente, como um «condottieri»: mas os golpes que recebe na batalha tiram lhe apparencias de convicções. Assim foi que Rochefort chegou a ser chefe de um partido, e foi conduzido a acção, que elle

detesta, pois tem o valor de homem de galanete, a resolução da pena e não o sangue frio e o entusiasmo da rixa. Vae a contenda por um eslorço de vontade e com as pernas tremulas. Isto, a mon ver, realça o seu valor. Mas que sublime soffrimento lhe dá a sua popularidade, hoje bem varilante! Porque aborrece a multidão, pela qual sente um desprezo aristocratico. Certo dia, nas ultimas eleições do imperio, viu chegar a uma reunião publica quando regressava da Belgica.

— Como assim, disse-me, o senhor esta aqui sem que ninguém a isso o obrigue?

Assim foi sempre. Foiçoso lhe tem sido andar, andar sempre, voltando as costas a tudo. Agora vae a Argel recolher ramos de flores e pedradas... E o seu olhar melancolico continua prociando o mar azul de Monte Carlo e o so da roleta... Muitos detestam o... Eu compadeço-me d'elle.

CHRONIQUETA

ro de Março de 1899.

«Nunca fez tanto calor no Rio de Janeiro!» Esta phrase, que ouço todos os annos, invariavelmente, tem sido estes ultimos dias repetida desde o caes Pharos até o Retro Sannoso, desde a Prinha até a Gavea.

«Nunca fez tanto calor no Rio de Janeiro!» Enganam-se; os calores são como os accessos rheumaticos: os ultimos parecem sempre os mais fortes e embora o não sejam. A verdade é que, se este anno temos tido dias inclementes, tambem os temos tido muito supportaveis, e não ha razão de queixa maior que nos outros annos.

Pois que a imbecillidade humana e sem limites, não faltam por ali pacovicos que attribuem os rigores da temperatura ao proximo fim do mundo, annunciando por um sabio allemão para o dia 13 de Novembro, isto é, para d'aqui a oito mezes. Ha quem esteja convencido de que nesse dia vamos todos morrer queimados, não escapando ninguém para manlar dizer aos outros planetas como isso foi! Pois se quem o affirmou foi um sabio, e de mais a mais allemão! Não fosse elle allemão nem fosse sabio!

Que até Novembro o mundo acabara para muita gente, não ha duvida nenhuma; a leitura, que essa cheia de saúde, e eu, que vou melhosinho graças a Deus, podemos contar com a vida tanto como o pobre diabo que se arrasta penosamente nas garras de uma tuberculose do ultimo grau. Mas todos nos desaparecemos do oite tempo, e vemos habitar as regies mysteriosas que o Forterelli nos promete, e o mundo continuará rolando eternamente, sem commetter nunca a imprudencia de se approximar demasiado do sol.

Mandemos a tabua o tal sabio allemão, e esperemos pelo frio e pelas violetas de Junho.

Mas que sabio perverso! Se elle esta convencido de que todos nos desapareceremos dois dias antes da data da proclamação da Republica, para que fim nos preveniu dessa catastrophe? Se effectivamente o mundo se acaba, nenhuma necessidade temos de pôr os nossos negocios em ordem, visto não deixarmos herdeiros nem descendentes.

Mas imagine, formosos leitores, imagine que toda a humanidade se convence de que d'aqui a oito mezes acabará o mundo... Que horror!... Ninguém mais trabalhará, ninguém mais se sujeitará ao regimen habitual da vida, os tribunales desaparecerão, a sociedade transformará se-lhe, não se respeitara ninguém, não se guardarão conveniencias, os arrojados tratarão de gozar o que até agora lhes tem sido vedado, os timoratos suicidar-se-hão por não terem animo de esperar o momento fatal, muitos individuos se matarão uns nos outros impulsados pelo egoismo que até a ultima hora será o sentimento dominante, e o homem primitivo reaparecerá com toda a sua ferocidade. Bastarão oito mezes de agonia para destruir vinte seculos de civilisação!

Arden, como ha de arder o mundo, a boja do chapelleiro Jacintho Lopes, conhecido pela originalidade dos seus amannos: «Se quem for muito sup e muito desgraçado, dizia elle, não compra um chapéo em minha casa».

O chapelleiro perdeu o chapéo, mas não perdeu a cabeça, pois no dia seguinte ao do incendio, e depois de ter ido a polheia, para averiguações, foi visto a jantar n'um restaurante da rua do Ouvidor em companhia de certo delegado da propria polheia. O jantar foi obrigado a chambeita e Champagne, e contou ao chapelleiro ementa e tantos mil reis. A imprensa commettou o erro que, alias, nada tem de extraordinario nem de normal: unicamente prova que Jacintho Lopes e um philoposo, não se deixam affigir pelo incendio da sua casa, e o delegado não é que o fogo fosse atado pelo seu commensal. Hup, up, hurrah!

Tambem eu não creio, porque, se o incendio fosse proporcional, o dono da casa seria um beneficiario, visto que no soldado, por cima da boja bucinada, dormiam

a sua esposa e o seu caixeiro, que, segundo conta, não estavam no seguro.

A polheia que, não obstante as diligencias do agente Cabral, não conseguiu prender os assassinos do roubo e do roubo da casa Rezeudo, prendendo apenas o referido agente (que piller a) deve estar até certo ponto comolada com a prisão do celeberrimo Afonso Coelho. Ora aqui esta um rapaz intelligente e esperto, a quem poderia ser contada com vantagem a sua salvação — a tarefa de descobrir e catraflar e lidar as coisas do Sr. Rezeudo.

ELOY, O HEROE.

THEATROS

ro de Março de 1899

A grande novidade theatral é, no Recreio Dramatico, a revista luminiscente em 3 actos e 6 quadros, Gaveche, do nosso collega Arthur Azevedo, musicas de Nicolino Milano.

Somos suspettos para falar da peça, que mereceu de imprensa unanimes elogios e do publico delirantes applausos.

Resta-nos apenas dizer que o empresario Silva Pinto, não se poupou a despesas, e que os artistas fizeram o possivel — e fizeram muito — para que a revista alcançasse o estrondoso successo que alcançou.

A musica é lindissima, e seapan s são deslumbrantes, o guarda-roupa é magnifico, e o bulado a Lã das brancas, com que termina a peça, é a ultima palavra da enseação no Rio de Janeiro. Vitelli e Caranani excederam-se.

No papel de Gaveche estreou-se um artista que promete, — Edmundo Andre.

Parece-nos mais que provavel que a nova revista do Recreio chegue ao centenário.

A companhia Ferreira de Souza, que trabalha em Lucinda, suspendeu por algumas noites os seus espectaculos para ensinar um drama francez, a Grãia das amibas, cuja representação esta annunciada para hoje.

Diz-se que o proterio actor Medeiros esta organisando uma companhia dramatica para o Variedades.

Consta-nos que as companhias Dias Braga, no Rio Grande do Sul, e Moreira Saupato, em S. Paulo, não têm navegado precisamente n'um mar de rosas.

X. Y. Z.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'estas justas demonstradas pela perfeição do trabalho justa adapção e grande admiração de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1 andar

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 10. — Cada molde custa 1\$000.

Pelo correio mais 300.

Advertisement for Neurosine Prunier, featuring text: Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurosine. Neurosine Prunier, Neurosine Karope, Neurosine Capsulas. Hablidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas. Depósito Geral CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

O novo mestre

Está bem mudada a massa aula desde a partida do senhor Hamel. No seu tempo tinhamos alguns minutos de favor pela manhã quando chegvamos. A gente punha se a volta do fogueteiro para desentorpear no poucos dedos, saindo a neve ou a greda que traziamos na roupa. Conservava-se baixo o, mostrando uns aos outros os faveiros.

Isto dava aos que moravam mais longe tempo para chegarem a casa e a chamada... Hoje, as coisas são muito diferentes. E' preciso chegar á hora exatta. O prussiano Koltz, o nosso novo mestre, não é para graças. A oito horas menos cinco, lá está de pé no seu pulpató, com a sua grossa bengala, ao lado, e at dos relatiariatos! E' por isso que se ouvem no pequeno pateo tinuancos apressados e vozes esbaltadas gritando a porta: « Presente! »

E' que não há desculpa para esse terrível prussiano.

Não vale dizer: Estive a ajudar minha mãe a levar a roupa para o lavatório... Meu pai levou-me consigo a feira... O senhor não quer ouvir mais nada... Não é dizer se que para esse miseravel estrangeiro nós não temos nem casa nem familia, que viemos ao mundo já prontos para ir para a aula, com os livros de lazo do braço, de proposito para aprender allemão e agarrar com a pouteiro. Ah! ao principio levei uma boa conta. A nossa serração ficava longe da escola e amarelecê-tão tarde no inverno! Afinal de contas, como eu voltava a noite para casa com minhas vermellas nos dedos, nas costas, por toda a parte, meu pai resolveu-se a metter-me internio; custou-me muito a habituar-me.

E' que em casa do senhor Koltz, os minutos teem tambem que se haver com a mulher, mais má que elle, e depois uma sucia de pequenos Koltz, que creem atraz de nós pelas escadas, gritando que os francezes são tod s uns animaes, todos. Felizmente que, aos domingos, quando minha mãe me vem visitar, traz-me sempre coisas de comer, e como toda aquella gente é muito gluttona, sou bastante bem visto na casa.

Um que eu bastimo de todo o meu coração, por exemplo, é Gaspar Henin. Esse dorme no quarto pequeno ao pé do tellado. Há dous annos que ficou orphão e o tio, que é moleiro, para se ver livre d'elle, mette-o de vez na aula. Quando chegou era um bonito rapaz de dez annos, que parecia ter quinze, habituado a correr e a brincar ao ar livre todo o dia, sem sequer suppôr que se aprendia a ler. Por isso, nos primeiros tempos, não fazia mais que chorar e soluçar com lamentações de se ver preso; apesar d'isso era muito bondoso e tinha uns olhos meigos como os de uma menina. A' força de paciencia, o senhor Hamel, o nosso antigo mestre, tinha conseguido domesticar o, e quando tinha algum recado a fazer por alli proximo, mandava o Gaspar, que ficava muito contente por se sentir ao ar livre, por se enlamear nos ribeiros e apparear grandes solheiras no rosto tismado. Com o senhor Koltz tudo mudou.

O pobre Gaspar, a quem já tinha custado tanto a haver-se com o francez, nunca pôde aprender uma palavra de allemão. Passa horas inteiras com a mesma declinação e vê-se bem, nos seus sobr'olhos carregados, mais teimosa e rufela que attenção. Em todas as lições é sempre a mesma scena: « Gaspar Henin levante-se!... Henin levante-se de ma vontade, balaouça se sobre a sua escriptura, e torna a assentarse sem dizer palavra. Então o mestre bate-lhe e a mulher não lhe dá de comer. Mas isso não o faz aprender mais depressa. Muitas vezes a noite, quando elle vai a subir para o seu cubiculo eu digo-lhe: « Não chores, Gaspar, faze como eu. Aprende a ler o allemão, visto que essa gente é a mais forte. » Mas elle respondia-me sempre: « Não, não quero... quero-me emboira, quero ir para a nossa casa... Era a sua idéa fixa.

As suas saudades do principio tinham-lhe voltado ainda com mais força, e pela manhã, ao ser dia, quando eu o via assentado na cama, com os olhos immovéis, comprehedia que elle estava pensando no moinho e em disposições de acorrer tambem aquella hora e na bella agua corrente em que elle chafurdou em toda a sua vida de criança. Essas coisas attraíam-n'o de longe e as brutalidades de mestre não faziam mais do que impellit-o para casa ainda mais depressa e torrial-o completamente selvagem. Algumas vezes, depois que era espancado, ao ver os seus olhos azues encherem-se de coheria, dizia commigo que se estivesse no logar do senhor Koltz, eu teria medo daquelle olhar. Mas esse diabo de Koltz não tem medo de nada. Depois das paucadas e a lomo, inventou mais a prisão e Gaspar'd quasi que já não sabe. No entanto, no domingo passado, como havia dous mezes que não tomava ar, levaram-n'o commosso para o prado communal, for a aldeia.

Fazia um tempo magnifico e nós corriamos toda a força ao desaho, felizes por sentirnos o mordente frio que nos fazia pensar na neve e nas escorregadelhas. Como sempre, Gaspar'd conservava-se afastado na orla do bosque, mechendo nas folhas, cortando ramos e brincando sol. Na occasião de metter em forma para retirar, Gaspar'd não apparece. Procuram-n'o, chamam por elle, tinha fugido. Era de ver a coheria do senhor Koltz. Purpureou-se-lhe a cara, a lingua travou-se-lhe com as pragas allemãs. Nós e que estavam contentes. Depois de ter mandado os outros para a aldeia, chamou dous dos grandes, a mim e a um meu companheiro, e largimos para o moinho Henin. Cabia a noite. Por toda a parte casas fechadas, fogueiros com o bom fogo e com o bom refesto do domingo, um pequeno fleite de luz projectava-se no caminho, e eu pensava que aquella hora deviam estar a mesa e abrigados.

E na rasa dos Henin, o moinho estava parado, a palçada fechada, toda a gente recolhida, animada e pessoas. Quando o rapaz nos veio abrir a porta, os cavallos, os ramosos, metteram-se na palha; e nos poleiros da rapoira, bouve grande bater de azas e gritos de medo, como se todo aquelle pequeno povo tivesse rec'ohecido Koltz. A gente do moinho estava abançada cá em baixo a uma mesa na cozinha, uma grande comilha bem quente, bem illuminada e toda lustrosa, desde os pesos do relógio até aos caldeiros. Entre o moleiro Henin e a mulher, Gaspar'd assentado a uma cubocera da mesa, tinha o rosto radiante de uma criança feliz, animada, acorrida.

Para explicar a sua presença, inventaria não sei que festa d'archibudue, um feriado prussiano e tratava-se de celebrar a sua chegada. Quando vin Koltz, o desgraçado olhou para tudo em torno, procurando uma porta aberta para fugir, mas a pesada mão do mestre cahiu-lhe sobre o hombro, e n'um instante, o tio foi informado da fuga. Gaspar'd tinha a cabeça levantada e não já o seu ar envergouhalo de rapaz de escola apalhado em falta. Então elle que de ordinario fallava tão raras vezes, encontrou de repente a lingua: « Pois bem, sim, fugi! Não quero voltar mais para a escola. Nunca aprenderei o allemão, uma lingua de ladroes e assassinos. Quero fallar francez como meu pai e minha mãe... Elle tremia, estava terrivel.

— Calate, Gaspar'd... dizia-lhe o tio, mas nada podia dizer.

— Está bom, está bom... Deixem-n'o... Viremos buscá-lo com o gendarme... E Koltz troçava.

Sobre a mesa havia uma grande faca; Gaspar'd lançou mão d'ella com um gesto que fez recuar o mestre:

— « Pois bem! mata lá os seus gendarmes... Então o tio Henin, que começava a ter medo, atirou-se ao sobrinho, arrancou-lhe a faca das mãos e eu vi uma coisa medonha. Como Gaspar'd commiasse a gritar: « Não vou... não vou! » prenderam-n'o solidamente. O desgraçado morria, espumava, chamava pela tia que se tinha retirado toda tremula e chorando. Depois, enquanto atulavam o char-a-bancs, o tio quiz que nos commensamos.

Eu não tinha fome, como podem imaginar, mas Koltz pôz-se a devorar e o moleiro não se caçava de lhe pedir desculpas pelas injurias que Gaspar'd lhe tinha dito a elle e a sua magestade o imperador d'Allemanha. O que é ter medo dos gendarmes!

Que triste volta! Gaspar'd, estenidulo no fundo da cartoga sobre palha, como um carneiro docente, não dizia palavra. Julgava-o adormir, prostrado por tantas coleras e lagrimas e lembrava-me que elle devia ter muito frio, sem chapéu e sem capa como estava, mas não me atrevia a dizer nada com medo do mestre. A chuva era fria. Koltz, com o bonnet bem forrado e bem enterado até ás orelhas, chicoteava o cavallo, trau-tendo não sei que. O vento fazia dançar a luz das estrellas e nos seguíamos, seguíamos pela estrada branca e gelada. Estávamos já longe do moinho. Quasi que se não ouvia o ruido da represa, quando uma voz fraca, lacrimosa, suppliante, saiu de repente do fundo da cartoga e essa voz dizia no nosso dialecto d'Alsacia: « *Lassé mi fort sen, herr Koltz...* Deixem-me ir embora, senhor Koltz... » Era tão triste de ouvir que as lagrimas vieram-me aos olhos. Koltz, esse, seria malvadamente e continuava a cantar, agouitando o animal.

Ao cabo d'um instante, a voz recommou: « *Lassé mi fort sen, herr Koltz...* » e sempre no mesmo tom haixo, doce, quasi machinal. Pobre Gaspar'd! dir-se ia que recitava uma prece.

Por fim, o carro parou. Tinhamos chegado. A mulher de Koltz estava a espera diante da escola, com uma lanterna e estava-tão encolerisada contra Gaspar'd Henin, que se lhe via vontade de lhe bater. Mas o prussiano não deixou, dizendo com um mau riso:

« Ananhi! faremos as contas. Para esta noite já tem o bastante. » Oh! sim, tinha já bastante a pobre creança! Os dentes batiam-lhe, tremia de febre. Uram-se obrigados a deital-o na cama. E eu tambem naquella noite penso que tinha felire; estava sempre a sentir os balaços do carro, e a ouvir o meu pobre amigo dizer com a sua voz meiga: « Deixem-me ir embora, senhor Koltz! »

ALPHONSE DAUDET.

Soffredora

Lucida pomba da mansão siderea!
No pó molecular d'este planeta
Encorporando a tua essencia etherea
Pelo impulso do amor que não tem meta.
A um tetrico paul de treva ignara
Abnegada baixaste a trazer luz,
E n'elle vaez, com persistencia rara,
De alheias culpas carregando a cruz!

E, no penoso afan da missão d'ua
Que te impozeste de cumprir na Terra,
Para ungil-o da colica tormenta
Que esse teu peito de mulher encerra,
Buscas amansa um doce companheiro
Que te conforte e alente em teu offer
Dando-te aqui o gozo verdadeiro
Que só na Estância Etherea pode haver.

E n'esse anhello de encontrar na alma
Capaz de comprehender-te — trina da tua. —
N'um mar de estranha iniquitação a cubra
Do teu bondoso espirito fluctua!
Ah! não descrezes de encontrar este ente,
Como tu peregrino mirante aqui,
Que o inextinguivel, que te acita, sente,
O que, talvez, bem perto está de ti.

Não covites, porém, de conhecel-o
Pela esthetica forma da materia...
Descura d'ella quem procura o bello
Reconhecer de uma entidade etherea.
Fecha os olhos do corpo e, attenta, estende
Tua vista mental ao teu redor,
Poi ve-se o teu espirito comprehende
No que consiste o verdadeiro amor.

E, se logares comprehendel-o, e ao culto
D'esse affeto subline te votares,
Dando na tua mente vida e valto
Aos indiseren gosos que solhares,
Elevares teu ser, mesmo encarnado,
Acima das miserabissimas paixoes,
Que são para o espirito apinhado
Inexgotaveis fontes de afflicções!

Do Pae Celeste o amor sadio, infinito,
Em sua consciencia presente,
Poz da vida animal, mesmo no attrito,
Gratos dulçores que a materia sente,
Nãos os podes, nem os comprehende
Quem, além da materia, nada vê,
E sua beta humana a vida prende,
E em suas brutas sensações se cre.

Mas quem da mente na visão sublima
Com sidereal affluvio um doce affecto,
Que as faculdades da alma eleva acima
Do gozo sensual grosseiro, objecto,
Ah! esse a toda a provação resiste
Porque attingil-o humais pode a dor!
Esse comprehende bem no que consiste
Para a alma humana o verdadeiro amor!

Lucida pomba da mansão siderea,
Que a um tetrico paul de treva ignara
Abnegada baixaste, e na materia
Vaez trabalhando com constancia rara,
Fecha os olhos do corpo e, concentrada,
Com o espirito vê o que em si vi.
Poi que sarbas amar como es amada,
E buscar possas quem te busca a ti.

VICTOR A. VIEIRA.

Olhos negros

Por teus olhos negros, negros
Trago em negro o coração,
De tanto pedir-lhe amores...
E elles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
Negros, negros como são;
Que os azues dão muita esp'rança,
Mas far-me eu n'elles, não.

Só negros, negros os quero;
Que, em lhes chegando a paixão,
Se um dia disserem sim...
Nunca mais dizem que não.

COLLETES

Mme. Camille Dupeyrat
113 RUA DO OUVIDOR 113
RIO DE JANEIRO

Os colletes privilegiados de Mme. Camille Dupeyrat são os únicos proprios para a moda actual, offerecem sobre os demais colletes as vantagens seguintes:

Alonga e aligeira o talhe, augmenta os seios ás pessoas pouco favorecidas; faz desaparecer a barriga, deixando, porém, os quadris e A CAIXA THORAXICA completamente livres, o que permite apertar impunemente, tendo mais a grande vantagem de ser excessivamente leve e não ter barbatanas do lado que difficulte os movimentos, e recomenda-se, sobretudo, pela sua grande duração, sem precisar de concertos, conservando a primitiva forma até ao completo uso.
Para dar uma idéa da sua superioridade, basta dizer que entre todos os fabricantes de colletes que concorreram á grande exposição de Chicago, foi a casa de Mme. Camille Dupeyrat que obteve a UNICA e a mais ALTA RECOMPENSA o que muito honra a industria nacional.

DEPOSITO EM S. PAULO: Em casa de Mue. A. PENAL
38 Rua Direita 38

H. DE BALZAC A Physiologia do Casamento

MEDITAÇÕES DE PHILOSOFIA RELEGICA

Sobre a fertilidade e a infidelidade conjugal

1 Luxuoso volume de 300 paginas. 2\$500
Pelo correio, mais 500

Verdades

Langores primaveris, eis-vos de volta, visitaes-me ainda depois de uma longa ausencia. Esta manhã a poesia, o canto dos passaros, os raios tranquiillos, a ar dos campos verdejantes, tudo me subiu ao coração. Agora tudo se cala. Oh, silencio, tu es terrivel! terrivel como a calma do Oceano que deixa mergulhar o olhar em abysmos insondaveis; tu nos deixas ver em nos profundezas que causam vertigens, necessidades inextinguiveis, thesours de sofrimentos e de pezares. Venham as tempestades! ellas agitam pelo menos a superficie destas ondas de segredos terriveis. Soprem as paixões! levantando as vagas d'alma ellas velam abysmos sem fundo. A nos todos, filhos do po, filhos do tempo, a eternidade inspira uma agonia involuntaria e o infinito um medo mysterioso.

Parece-nos que entramos no reino da morte. Pobre coração, tu queres vida, tu queres amor, tu queres illusões, e tu tens razão no final das contas, porque a vida é sagrada.

Nestes momentos de intimidade com o infinito, como a vida toma outro aspecto! como tudo quanto nos occupa preoccupa e apassiona, torna-se subitamente a nossos olhos pueril, frivolo e vão. A nós mesmos nos parece nos bonecos que, jogando ao serio uma partida phantastica, tomam bagatellas por coisas de grande valor. Como tudo então se transforma e parece outro! Berkeley e Fichte tem então razão, Emerson tambem; o mundo não é senão um fogo de artifício, uma phantasmagoria sublime destinada a alegrar a alma e a formatar a consciencia e um universo, sem sol e o amor...

Torna a cair na vida objectiva do pensamento, ella me livra (sera este o termo?) não, ella me priva da vida intima do sentimento; a reflexão dissolve a seisma e queima suas azas delicadas.

Eis porque a sciencia não faz homens, mas apenas entidades, abstracções; ah! sentimos, vivamos e não analisemos sempre. Sejamos ingenios, antes de sermos reflectidos. Experimentemos, antes de estudar. Deixemo-nos ir na correnteza da vida... Não terci então nunca o coração de uma mulher para nelle me

apoiar? um filho em quem reviva, um mundosinho em que possa deixar florescer tudo quanto occulto em mim? Kecho e temo, com medo de despedaçar meu sonho; tenho posto tantas esperanças nesta carta que não me atrevo a jogal-a. Sonhemos ainda...

Não te violentes a ti mesmo e respeita em ti as oscillações do sentimento, a tua vida e tua natureza; um mais sabdo do que tu as fez. Não te abandones todo inteiro no instincto ou a vontade; o instincto é uma serena, a vontade um despotia. Não sejas nem o escravo de teus impulsos e de tuas sensações de momento, nem de um plano abstracto e geral. Se aberto ao que a vida traz, de fóra e de dentro e faz acolhimento ao imprevisto; mas dá unidade à tua vida e mette o imprevisto nas linhas de teu plano. Que em ti a natureza se erga até o espirito e que o espirito se torne natureza. E' assim que teu desenvolvimento será harmonioso e que a paz do ceu poderá irradiar sobre tua fronte; sempre com a condição de que tua paz e seja feita e tenhas subido o Calvario.

AMEL.

NINON DE LECLOS

escarnecis da ruga, que jamais ousou mscular-lhe a epiderme. Ja passava dos 80 annos e conservava-se ao joven e bella, atirando sempre os pezuços da sua certidão de baptismo sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista facera jamais cousar a quem quer que fosse das pessoas d'aquelles epochas descobrio-o o Dr. Leconte entre aa folhaa de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, Maison Leconte, Rue du 4 Septembre, 34 à Paris.

Esta casa tem-uo a disposição das nossas elegancia, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DIVET DE NINON

Po de arroz especial e refrigerante
Le Savon Crème de Ninon
special para o rosto que limpa perfeitamente e entempe mais delicadas sem alteral-a.

LAIT DE NINON

jac de savons desmanhante su poção e sue hombros.
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

DE COURE DE COURE

que faz voltar os cabelos brancos à cor natural e exist em 12 cores;

BEVE SOLICRIE

que sagmenta, engressa e brana as peanhas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar
LA PATE ET LA POUDRE MANOEUVERALE DE NINON
lara doura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Sevem exigir e verificar o nome da casa e o endoreço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

**PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET**

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, acetina a epiderme, impede e destruo as freiras e os rachos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branca primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÔES
Para ser bella... encantar todos os olhos
Para ser servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer o cortado empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

Os dentes estragados acares-se e branqueam-se com o **ELIXIR dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra **TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE**

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados em toda a segurança a CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esqir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris
São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOR

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER
Parfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOR

Leite de Iris L. T. Piver

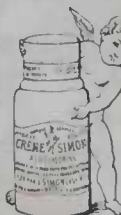
PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA — ELIXIR

CRÈME SIMON

PARA
consolar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓs** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Galvelleretos.

Desconfiar das Imitações.

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recomanda-se ha ja 20 annos pelos médicos. Facilita a saída dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esqir-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bⁱⁿ BARRAL

Recomendados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
Esqir-se a assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78 Faubr St Denis PARIS
e em todas as PHARMACIAS

Meditações

Sempre me senti maravilhado com a diferença entre nossas disposições interiores da tarde e as da manhã. As paixões que dão o tom a tarde, deixam pela manhã o império a parte contemplativa da alma. Todo ser irritado e tendido pela excitação nervosa do dia chega a tarde ao ponto culminante de sua vitalidade humana; o ser apasiguado pela calma do somno está pela manhã mais perto do céu. É preciso ter pensado uma resolução nas duas balanças, examinado uma ideia as duas luzes, para diminuir a probabilidade de erro. Nossa vida interior descreve curvas regulares analogas as curvas barometricas, independentemente dos transtornos accidentaes que as tempestades diversas dos sentimentos e das paixões podem sublevar em nós. Cada alma tem seu clima, ella e um clima; ella tem, por assim dizer, sua meteorologia na meteorologia geral da alma; mas tambem a psychologia não pode ser concluida antes da physiologia do nosso planeta, sciencia a qual damos hoje o nome insufficiente de physica do globo...

Reconheci esta manhã que o que nos parece impossivel, não é muitas vezes senão uma impossibilidade toda subjectiva. Nossa alma, sob a acção das paixões, produz por uma miragem extranha o bestaculos gigantescos, montanhas ou abyssos que nos fazem parir subitamente; soprae sobre as paixões e esta fantasmagoria se desvanecera. Este poder de miragem e de fascinação, que vai até a hallucinação é um phenomeno moral digno de um estudo attento. Assim nos mesmos determinamos nosso mundo espirital, nossos monstros, nossas chimeras e nossos anjos; objectivamos o que fermenta em nos. Tudo é maravilha para o poeta, tudo é divino para o santo, tudo é grande para o heroe, tudo é mesquinho, myrrado, mau para a alma baixa e sordida. O malvado crea em torno de si um pandemonio, o artista um olympo, o eleito um paraíso que cada um vê a seu modo.

Todos nos somos visionarios e o que vemos é a nossa alma nas coisas. Nos nos recompensamos e nos punimos a nos mesmos, sem que o saibamos. Tudo egualmente parece mudar, quando mudamos.

A alma é essencialmente activa, e a actividade de que nós temos consciencia não é senão uma parte de nossa actividade consciente.

Eis a base de uma psychologia e de uma moral. O homem reproduzindo o mundo, envolvendo-se em uma natureza que é a objectivação de sua natureza espirital, recompensando-se e punindo-se; sendo as coisas a natureza divina, não se comprehendendo a natureza do espirito perfeito, senão na medida de nossa perfeição; a intuição recompensa da pureza interior; a sabedoria no extremo da bondade; em uma palavra uma phenomenologia nova, mais completa e mais moral, em que a alma total se torna espirito: e talvez este o meu thema para o meu curso de verão.

Todo o dominio da educação interior, da vida mysteriosa, da relação da natureza com o espirito, de Deus e de todos os seres com o homem, a repetição em miniatura da cosmogonia, theogonia, mythologia e historia universal; a evolução do espirito; em uma palavra o problema dos problemas em que eu mergulhei muitas vezes, mas de que as coisas finitas, o detalhe, as nuances mil vezes, me desviaram; eis o que contém esta questão. Volto a borda do grande abyssos com o sentimento claro de que ahí é que está o problema da sciencia, que sondal-o e um dever, que Deus não se occulta em sua luz e em seu amor, que elle nos chama a tornarmo-nos espiritos a nos possuirmos e a possuil-o na medida de nossas forças, que é nossa incredulidade, nossa cobardia intellectual, que é nossa enfermidade e nossa fraqueza.

Dante, mergulhando o olhar nos tres mundos, com seus diversos ceus, entendia sob a forma de visagem o que eu desejaria apanhar sob sua forma mais pura. Mas elle era poeta e eu não serei senão philosopho.

O poeta faz-se comprehender pelas gerações humanas e pelas multidões; o philospho so se dirige a alguns raros espiritos...

Chegou o dia; com elle chega a dispersão na acção; eu me sinto desmagnético, a clarividencia pura cede o lugar ao olhar, e a profundza etherea do céu da contemplação se desvanecce com o brilho das coisas finitas. É isso um mal? não, mais isso prova que as horas as mais proprias para a phenomenologia são as que precedem a amora.

A.

Ainda d'Ennery

COMO TRABALHAVA O DRAMATURGO

O popular autor dramatico francez, que falleceu ha pouco tempo em Paris, teve mais de sessenta collaboradores, muitos dos quizes o sobrelevavam como litterato, como por exemplo Dumas, gloria das lettras francezas.

« D'Ennery ria-se da litteratura, mas quando quem fazella, sabia por onde lhe pegar. Uma vez feliciteado por uma tirada de versos, realmente irreprehensivel, e elle respondeu-me rindo:

— Se «isso» estivesse assignado por um outro que não fosse eu, talvez se concordasse em que está «escrito» em francez. »

O cheiro da morte

Encntramos em um jornal o seguinte artigo, que transcrevemos:

« A morte é assumpto que me não agrada. Já não e ponco ser obrigado a receber a sua visita, quando chegar a minha vez, que espero seja o mais tarde possivel.



A PEQUENINA ARTISTA

Mas d'Ennery não ligava apreço algum as qualidades litterarias de quem o auxiliava no seu trabalho. Quanto ao seu methodo, era o seguinte:

Quando pensava n'uma obra planeava-a e mandava o plano ao collaborador; para que este escrevesse as scenas. De posse do manuscrito, d'Ennery, com grande desespero do seu auxiliar, qua i refazia o trabalho apresentado, substituindo em primeiro lugar todas as galas de linguagem pouco accessiveis ao grande publico, para o qual destinava as suas peças.

Nos ensaios, succedia o mesmo. Nos primeiros dias assistia a ellas o collaborador, e depois era o proprio d'Ennery, que encontrava sempre muito que reformar.

Actores, collaboradores, e os proprios empresarios obedeciam-lhe sem réplica, sabendo que ninguem como o dramaturgo conhecia os effeitos theatraes e os sentimentos da multidão.

Accusavam-o de que não sabia escrever. Elle ria-se e cobrava os seus rendosos direitos. A proposito da pouca litteratura de d'Ennery, conta Sarcely a anecdota seguinte:

Mas não haveria meio de prever o dia de tão desagradavel visita? Ha, por certo, signaes a bem dizer scientificos que indicam que a morte vem perto. Não haverá, porem, outros?

Um inquerito aberto pelo *British Medical Journal* veio revelar um facto curioso, e vem a ser que se pode prever a morte pelo cheiro.

É como lhes digo, ou antes, como diz o Dr. Mac-kintosek, medico Ingles, o qual afirma que ha um certo cheiro, leve, indescrriptivel, que se nota em geral tres dias antes da morte.

« Minha attenção foi chamada para esse facto, acrescenta, ha dezoito annos, nas salas da enfermaria de Edimburgo, por José Bell. Este ficou mesmo muito aborrecido, nessa epoca, por causa de cincoenta ou sessenta estudantes que se juntaram em torno de cada leito de moribundo, farejando o ar para melhor guardarem a lembrança do cheiro caracteristico e prophetico. »

Quando apparece esse cheiro, não ha mais esperança: a morte é certa.